

O povoamento a sul do Tejo nos séculos XVI e XVII

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS MAPAS E
OUTRAS FONTES HISTÓRICAS

Maria Fernanda Alegria

1. *Os mapas de ALVARO SECO e de PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ*

O mapa de Portugal de FERNANDO ALVARO SECO, publicado em Roma em 1561 e provavelmente o primeiro mapa de conjunto do território nacional, serviu de base a toda a cartografia do país que se imprimiu durante um século. Cem anos depois, em 1662, era dada a conhecer em Madrid a «descrição do reino de Portugal...» de PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ que durante outro século serviria de modelo às edições de mapas de Portugal que entretanto iam surgindo.

O mapa de A. SECO foi estudado com bastante pormenor por investigadores da Universidade de Coimbra (ALVES FERREIRA, *et al.*, 1957); o de P. T. ALBERNAZ, cujo original se encontra na Biblioteca Nacional de Paris, pelo contrário, nunca o foi, devendo-se a sua publicação às pesquisas do Comandante TEIXEIRA DA MOTA durante a preparação dos *Portugaliae Monumenta Cartographica*.¹ Foi por sua sugestão que iniciámos há um certo tempo o estudo comparativo dos dois mapas, estando este trabalho restringido à análise do povoamento ao sul do Tejo, área que abrange 42% da superfície do país mas cuja densidade de povoamento, bastante menor que a do norte, facilita uma primeira abordagem.

Porque a reprodução integral dos dois mapas não é viável — o de A. SECO está impresso a cor e o de P. T. ALBERNAZ tem grandes dimensões (75 X 106 cm) — referem-se sumariamente as suas características.

O mapa de A. SECO é o «primeiro levantamento a grande escala, e apoiado em métodos matemáticos, talvez mesmo trigonométricos, que se conhece de todo o território de um Estado» (ALVES FERREIRA *et al.*, 1957, p. 3). Gravado na escala aproximada de

¹ O mapa vem reproduzido no volume IV, estampa, 519.

1:1.500.000, é extremamente rico na toponímia e na hidrografia, cita vários acidentes orográficos, deixa bem assinaladas as pontes sobre os cursos de água (embora não represente vias de comunicação), designa as grandes circunscrições administrativas da época sem lhes marcar os limites mas indica, por meio de um ponteador, a divisão diocesana. Publicado tal como o mapa de P. T. ALBERNAZ, numa data em que ainda não era possível o conhecimento exacto das longitudes, o país aparece distorcido, se bem que as posições das várias povoações na maioria não apresentem grandes desvios em relação às suas localizações reais. Contrariamente ao que era seguido nos mapas árabes (com o Sul para a parte superior) e na cartografia europeia a partir de meados do século XVI (com o Norte para cima), A. SECO orienta Portugal com o Ocidente para cima.¹

O mapa de P. T. ALBERNAZ, embora tenha sido publicado pela primeira vez apenas em 1662, «deve ter resultado, pelo menos na sua maior parte, de levantamentos que o cartógrafo executou entre 1622 e 1630» (*Portugalia Monumenta Cartographica*, vol. IV, p. 159). Com a mesma orientação do de A. SECO é mais rico ainda na toponímia e mais expressivo na representação gráfica do relevo que não é apenas referido por texto mas sugerido por «pães de açúcar»; a hidrografia, embora não tenha sido estudada, parece apresentar menos rigor; o litoral é representado, como no mapa de A. SECO, com um desenho de muito pormenor, dando-se assim continuidade, ainda que corrigida, a uma das características essenciais dos portulanos.

Sendo a representação dos lugares habitados particularmente cuidada nos dois mapas, pareceu possível extrair deles informações úteis sobre o povoamento, verificando-se em seguida a verosimilhança dos resultados pela consulta e comentário de outras fontes históricas, quando existentes...

1.1 *Inventário e classificação das localidades*

Uma vez que o mapa de A. SECO já tinha sido estudado (ALVES FERREIRA, *et. al.*, 1957) aproveitou-se o trabalho então realizado sobre o inventário e estudo dos topónimos para facilitar a com-

¹ A este propósito O. RIBEIRO (1971) comenta um passo de *Os Lusíadas* (111, 20):

Eis aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o Reino Lusitano
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Phebo repousa no Oceano.

O «quasi» equivale aqui a apor assim dizer». Visto que Camões «possuía a variada instrução dos grandes espíritos do seu tempo», sabia que os mapas se orientavam como Ocidente para cima, costume que se manteve até ao século XVII. Os versos citados não constituem, assim, «apenas uma metáfora mas uma imagem exacta».

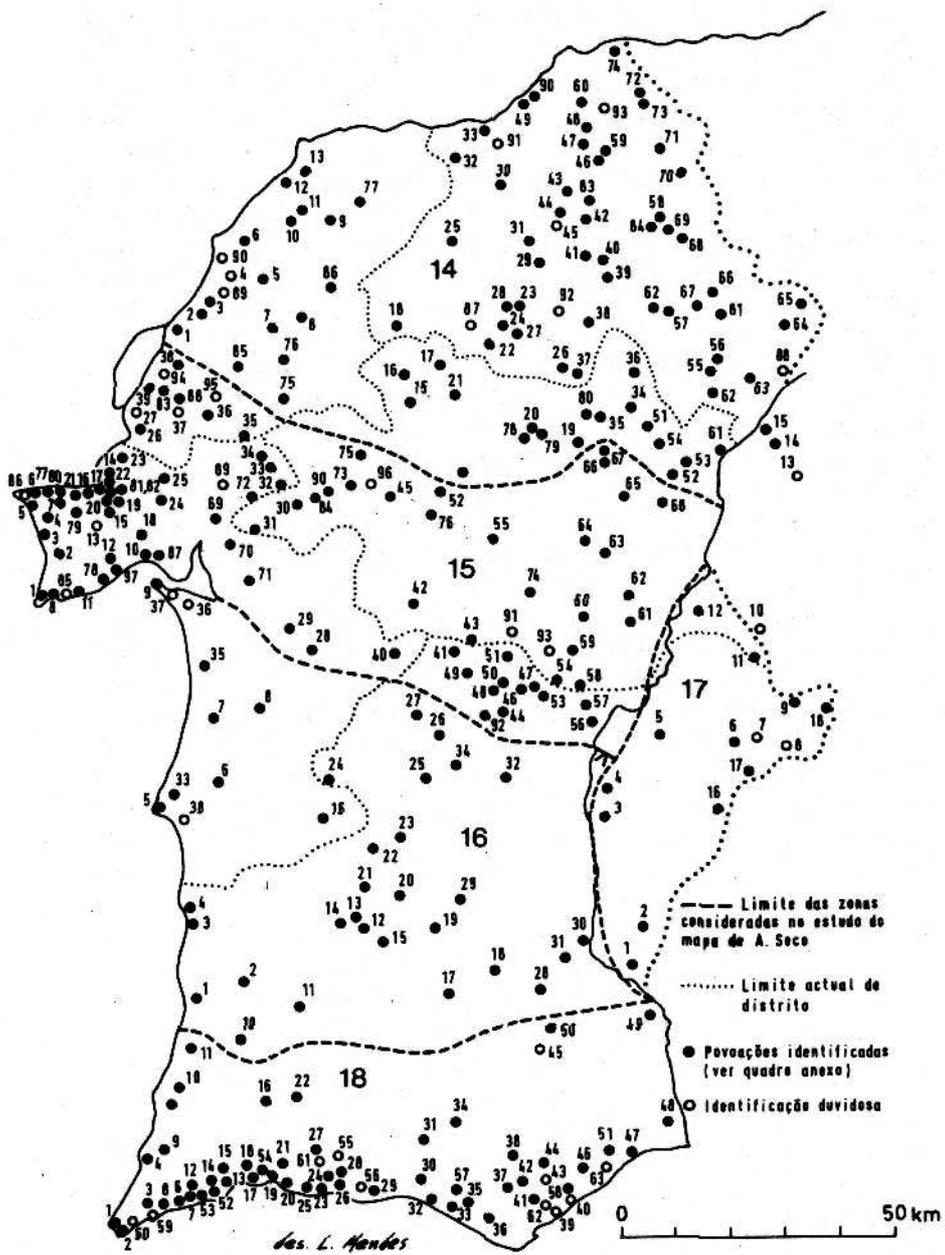


Fig. 1 - Povoações a sul do Tejo figuradas nos mapas de A. SECO (1561) e P. T. ALBERNAZ (1662). (Identificação em quadro anexo).

paração com o de P. T. ALBERNAZ. Para esse efeito o mapa de 1561 tinha sido dividido em 18 áreas (cujos limites coincidem em grande parte com cursos de água), 5 das quais (áreas XIV a XVIII, fig. 1) abrangem a região agora em estudo — o Sul do Tejo. Para cada uma delas tinham sido feitas listas dos nomes de todas as povoações, respeitando a ortografia utilizada na edição de ORTELIO — a que foi reproduzida por ALVES FERREIRA (1957) e também por nós utilizada —, mencionando-se a seguir o nome actual da povoação e o concelho a que pertence, salvo em casos de identificação duvidosa.

No inventário das localidades referidas pelo mapa de P. T. ALBERNAZ começaram por manter-se as mesmas áreas que tinham sido definidas no de A. SECO, organizando-se depois listas por distritos (quadro anexo). O passo seguinte foi localizar num mapa na escala de 1:600.000, posteriormente reduzido, todas as povoações referidas num ou nos dois mapas. Nos casos em que a identificação segura não foi possível, a localização retida respeitou, tanto quanto possível, as distâncias e a orientação em relação às aglomerações mais próximas (fig. 1).

A dificuldade principal foi atribuir uma ordem de importância às povoações que, respeitando a figurada nos mapas, permitisse também a sua comparação. O problema não era de resolução fácil porque os processos de representação gráfica dos núcleos habitados são algo diferentes nos dois autores. A. SECO utilizou um pequeno círculo, reproduzido a vermelho, para localizar as povoações mais pequenas e uma simbologia figurativa do aglomerado, bem destacada pela cor vermelha, para assinalar as mais importantes, quase todas cidades, mas também, ocasionalmente, alguns mosteiros e vilas que possuíam porventura, na época, atribuições com alguma similaridade às das cidades. P. T. ALBERNAZ usou para todas as povoações símbolos gráficos em silhueta figurativa, traduzindo pelo tamanho, pela forma e pelo tipo de letra associado, a sua importância relativa.

Considerar neste último mapa, extremamente sugestivo na forma de representação gráfica das localidades, uma divisão em duas classes para definir a sua ordem de importância, implica bastante perda de informação, mas afigurou-se-nos a solução mais correcta para tornar possível comparar o povoamento em 1662 com o assinalado pelo mapa de A. SECO, de 1561, onde apenas são definidas duas classes de povoações. A figura 2 mostra tipos de representação característicos de cada classe; em quadro anexo é discriminado o número da classe em que cada localidade foi incluída (comparando-se a classificação definida através dos mapas com a obtida por consulta de outras fontes), a ortografia utilizada por A. SECO e por P. T. ALBERNAZ, o nome actual da povoação e o concelho e distrito a que pertence.

MAPA DE ALVARO SECO		Identificações na fig.3 (Ver legenda)
 BEJA	 Sesimbra	 
 Santa Clara	 Palhais	 
MAPA DE PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ		
 ÉVORA	 FARO	 
 Padrões	 Atalaia	 

des. L. Mendes

Fig. 2-Tipos de representação gráfica de povoações nos mapas de A. SECO (1561) e P. T. ALBERNAZ (1662).

1.2. A evolução do povoamento entre 1561 e 1662 vista através dos mapas

Far-se-á aqui uso de uma exploração «atomística» dos mapas¹ isto é, examinar-se-á a evolução de cada um dos lugares cartografados partindo da hipótese de que a evolução dos núcleos de povoamento neste período seguiu cinco formas simples: «aparecimento» ou «desaparecimento» de localidades, aumento, diminuição ou estabilidade. A expressão «aparecimento» refere as povoações que em 1662 são cartografadas e que não eram representadas no mapa de 1561; a expressão «desaparecimento» diz respeito às figuradas por A. SECO e não individualizadas por P. T. ALBERNAZ; os aumentos, diminuições ou estabilidade dos núcleos são traduzidos pelos tipos de representação gráfica utilizados em cada mapa. Neste modelo, em que se compara a evolução no tempo através de cortes sincrónicos, procura-se apreender os resultados de uma transformação mas não se têm em conta alterações no povoamento que possam ter-se verificado no interior do período; aceita-se um processo contínuo e linear.

¹ Num artigo conjunto de M. F. ALEGRIA e S. RIMBERT — «La cartographie analytique comme outil de recherche historique: application à une étude de deux cartes du Portugal», *Recherches Géographiques à Strasbourg*, 8, 1980 —, foram ensaiados vários métodos de estudo cartográficos, tanto «holísticos» como «atomísticos»; retém-se aqui o que melhor individualiza cada povoação.

O povoamento a sul do Tejo (séc. XVI e XVII)

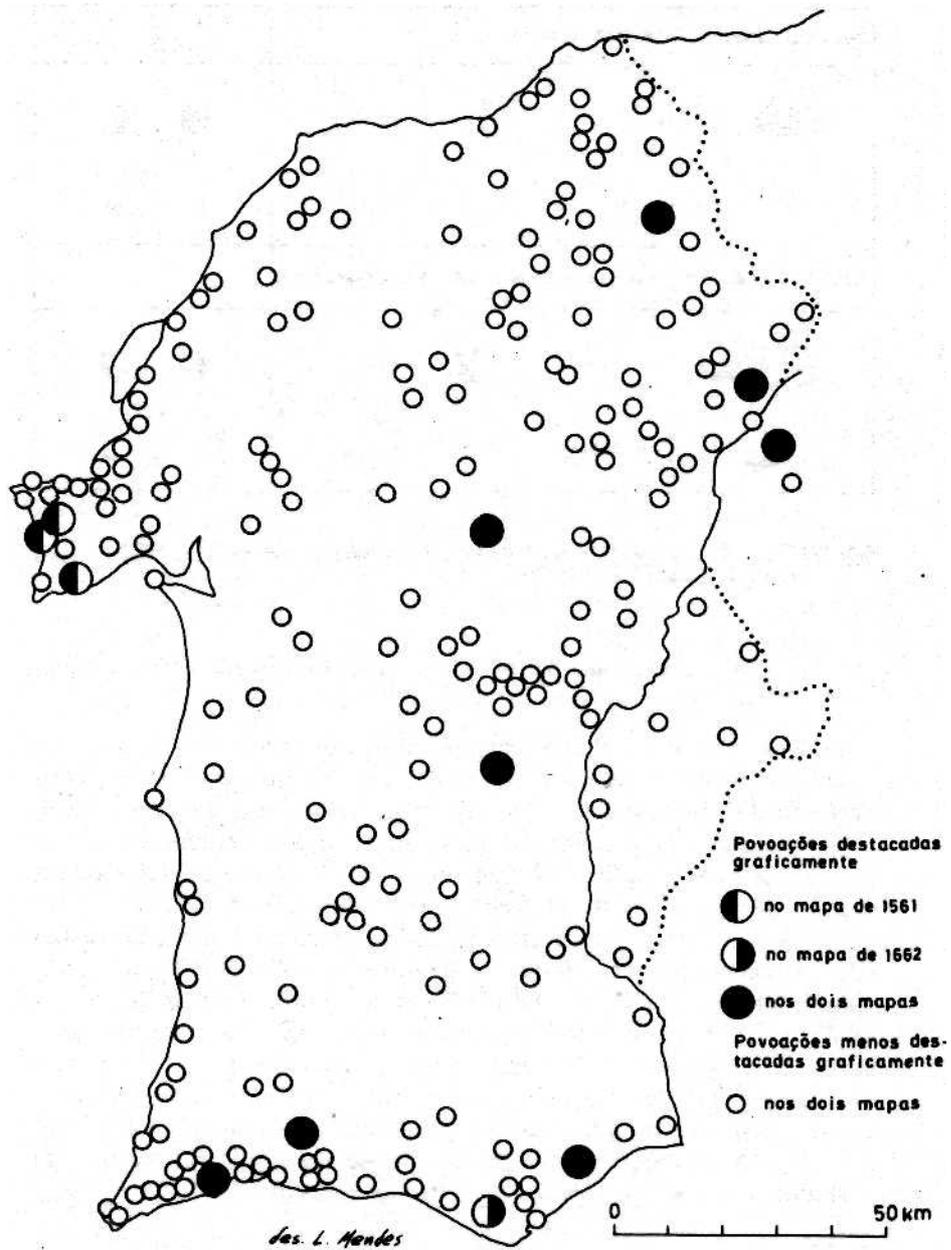


Fig. 3- A—O povoamento a sul do Tejo em dois mapas de Portugal: A. SECO (1561) e P. T. ALBERNAZ (1662). A- Povoações representadas nos dois mapas; B - Povoações figuradas apenas num dos mapas.

A figura 3 sintetiza os tipos de evolução registados separando as povoações representadas nos dois mapas (fig. 3A) das figuradas apenas num deles (fig. 3B). A primeira e talvez mais saliente impressão

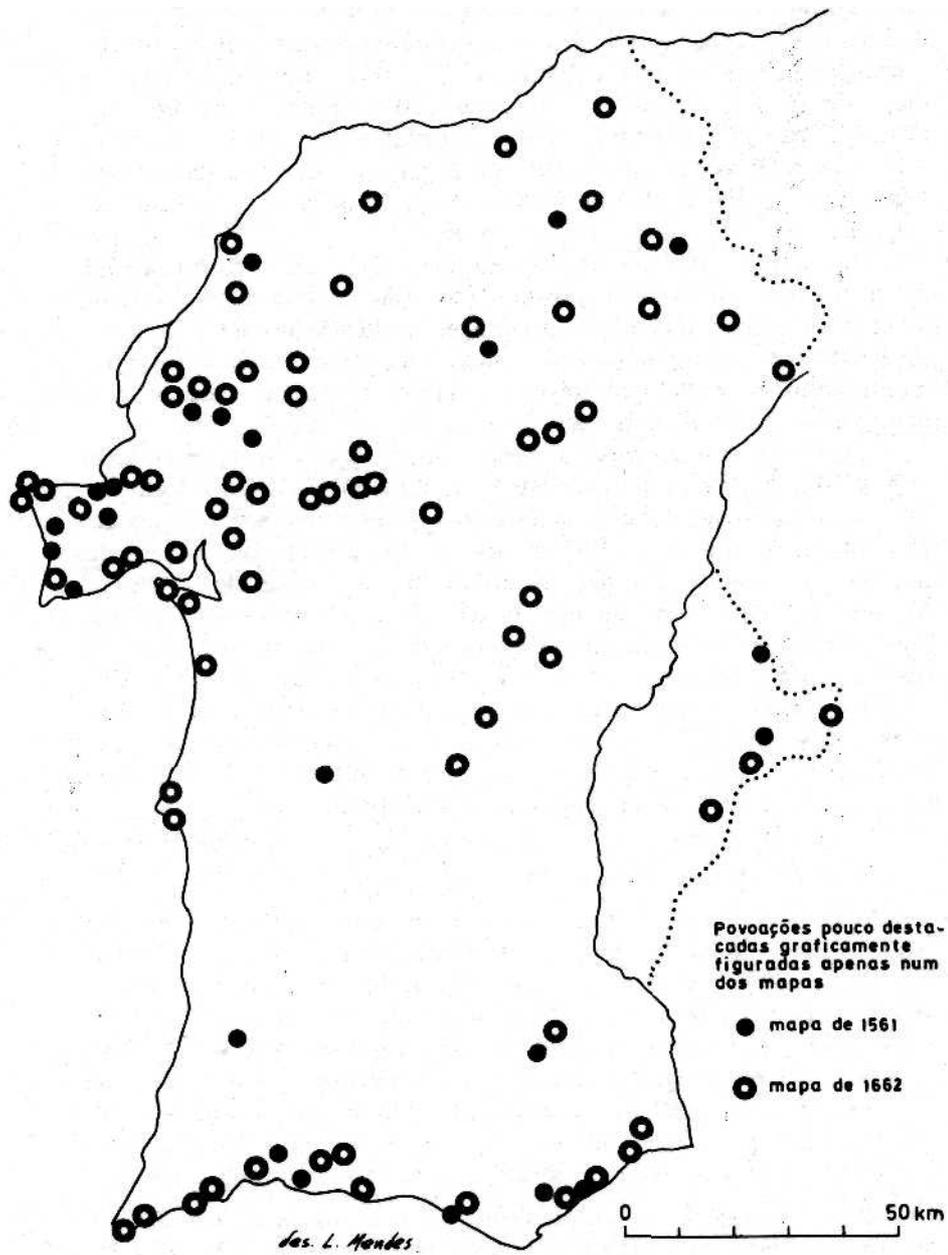


Fig. 3-B

que a leitura das figuras sugere é que o Sul do país não é uma área pouco povoada (embora tal não implique, necessariamente, elevada densidade de população). Os núcleos de povoamento que os dois mapas identificam são numerosos e coincidem na maior parte (280 localidades), como coincide a importância atribuída aos principais centros: Portalegre, Eivas, Olivença, Évora, Beja, Lagos, Silves e Tavira. No mapa de 1662, no Algarve, é representado mais um importante núcleo — Faro — e desaparecem, na península da Arrábida, as representações gráficas bem destacadas de Sesimbra, Mosteiro da Deceda (não identificado) e Quinta Tauora (St.^o António dos Capuchos — Caparica).

Mas se o Sul do país não era no século XVI um território quase deserto, no século XVII o povoamento mais se adensa. Embora os mosteiros da margem sul do Tejo deixem de figurar no mapa de P. T. ALBERNAZ, nem por isso a impressão de densificação do povoamento desaparece. Pelo contrário, é essa uma das áreas onde as aglomerações se tornam mais numerosas.

Em todo o Sul do país são raras as povoações que representadas por A. SECO deixam de o ser por P. T. ALBERNAZ — 23 localidades —, mas são em maior número as que este figura e o mapa de 1561 não identificava — 73 aglomerações. O aumento do número de núcleos povoados mostra não só que de meados do século XVI para meados de XVII o movimento de urbanização (em sentido lato) é crescente, no Sul do país, como passa a ter distribuição preferencial: península da Arrábida e estuário do Tejo, litoral do Algarve e Alto Alentejo. Algumas das novas povoações parecem ordenar-se segundo eixos que sugerem ligações entre Beja e Évora e entre esta e o estuário do Tejo, quer em direcção à margem sul em frente a Lisboa, quer em direcção à área entre Santarém e Vila Franca.

2. Outras fontes históricas para o estudo do povoamento nos séculos XVI e XVII

Embora os mapas antigos constituam um domínio privilegiado para aplicação de métodos de cartografia analítica e seja tentador extrair deles informações suplementares, procurar-se-á confirmar os resultados apurados com os obtidos por consulta de outras fontes históricas, já porque se trata de ensaios pouco habituais, já porque se referem a períodos em que a população portuguesa é mal conhecida.

Para o século XVI existe uma fonte extremamente rica, bem conhecida tanto por historiadores como por geógrafos, o *Numeramento de 1527*.¹ Embora se tenham perdido os valores referentes ao Algar-

¹ Para além do trabalho de J. GALEGO (1982) citado na bibliografia, foi entretanto publicado um outro, dando continuidade àquele, por J. GALEGO e S. DAVEAU (1986).

ve, conservou-se um registo de 1535, que deve ter tido por base os números apurados em 1527, o conto dos vizinhos de todos os concelhos algarvios com assento nas cortes. Outras lacunas foram colmatadas pelos dados extraídos da *Corografia do Reino do Algarve* de FREI JOÃO DE S. JOSÉ, de 1577, entretanto publicada (M. V. GUERREIRO e J. R. MAGALHÃES, 1983). Estas datas enquadram a edição do mapa de A. SECO.

É certo que a utilização de dados não exactamente contemporâneos é metodologicamente perigosa e tanto mais quanto a evolução da população no decurso dos séculos estudados deve ter sido muito diferente do desenrolar recente. A períodos de aumento podiam suceder-se irregularmente outros de diminuições mais ou menos abruptas determinadas por crises de fome, por guerras, por epidemias ou por motivos ligados à expansão ultramarina. No entanto, pode admitir-se que a repartição regional de certos tipos de evolução sugere a validade de situações que, consideradas isoladamente, se poderiam afigurar duvidosas.

Para o século XVII, na ausência de recenseamentos da população, as fontes para o estudo do povoamento são mais raras. Os poucos dados disponíveis estão dispersos por vários autores, dizem respeito a regiões mais ou menos restritas e, por vezes, a grupos etários ou profissionais determinados. Os números apurados foram recolhidos de MENDES DA SILVA (1609-1625), SEVERIN DE FARIA (1609-1625), FREI NICOLAU DE OLIVEIRA (1623) e, para o Algarve, de HENRIQUE SERRÃO (cerca de 1600).¹ Sendo mesmo assim escassos os valores apurados recorreu-se à *Corografia* do PADRE CARVALHO DA COSTA (1708-1712), que deve ter utilizado estatísticas de épocas anteriores, uma vez que cita, por exemplo, SEVERIN DE FARIA como fonte.

A falta de estudos demográficos detalhados para este período está, provavelmente, na origem de opiniões divergentes dos historiadores sobre a evolução da população portuguesa. OLIVEIRA MARQUES (1972) admite que desde o *Numeramento de 1527* até cerca de 1640 se teria registado um aumento de meio milhão de pessoas, atingindo-se em meados do século XVII os 2 milhões, valor que se teria mantido até finalizar o século. VERÍSSIMO SERRÃO (1975) considera que, no mesmo período, a população portuguesa teria aumentado apenas de cerca de 100.000 habitantes (de 1.200.000 para 1.300.000 aproximadamente), existindo à volta de 1640 amplas áreas desabitadas, sobretudo em Trás-os-Montes e no Alentejo. FREDERIC MAURO (1960) admite um valor de 1.200.000 pessoas e REBE-

¹ VERÍSSIMO SERRÃO (1975) faz uma síntese dos trabalhos dos três primeiros autores referidos.

O povoamento a sul do Tejo (séc. XVI e XVII)

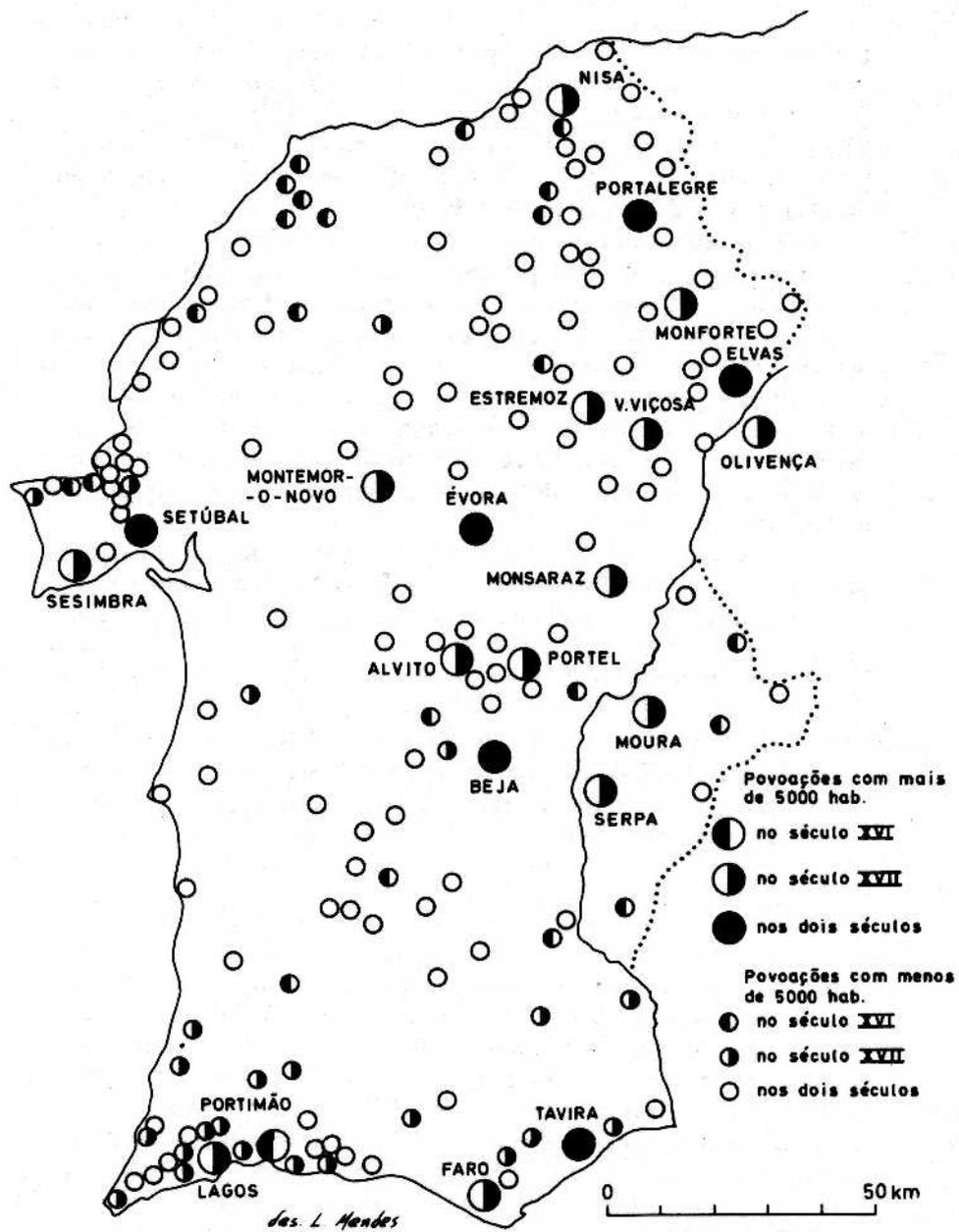


Fig. 4- O povoamento e a população a sul do Tejo em meados dos séculos XVI e XVII em localidades representadas nos mapas de A. SECO e P. T. ALBERNAZ. (Fontes em quadro anexo).

LO DA SILVA (1868) de cerca de 1.100.000, enquanto F. de ALMEIDA (1922) e SOARES DE BARROS (1789) referem, sem indicar valores precisos, reduções acentuadas de população durante o século XVII. Todos os autores são unânimes em considerar o Alentejo uma das áreas menos povoadas do país embora, de facto, o estudo da evolução da população portuguesa do século XVI ao XVII, sobretudo a nível regional, esteja por fazer.

Embora o objectivo principal seja determinar o interesse dos mapas como fontes para o conhecimento da repartição do povoamento em certas épocas, tentou recolher-se, para as localidades referidas nos dois mapas, o maior número possível de valores de população. Dispõe-se de estatísticas para 124 povoações nos dois séculos, de 21 para o século XVI e de 25 para o século XVII (figura 4).

Na altura do *Numeramento de 1527* a região a sul do Tejo acolhia 1/4 da população total do país, repartindo-se cerca de 17% no Alentejo e 3% no Algarve. J. GALEGO (1982) calculou que o Alentejo teria então 195.184 habitantes. Entre meados do século XVI e meados do século XVII a população desta parte do país aumentou quase 100%. Os maiores acréscimos registaram-se nos distritos de Beja e Setúbal logo seguidos pelos de Santarém e de Portalegre; os menores em Évora e em Faro (quadro anexo). Estes resultados são semelhantes aos obtidos por C. SIRGADO (1978/79) no estudo da evolução das localidades com mais de 100 habitantes no Ribatejo onde a percentagem de aumento, no mesmo período, foi de cerca de 75%. As raras povoações cartografadas por J. GALEGO (1982, fig. entre p. 11 e 12), no Ribatejo, em 1527/32, parecem ser já mais numerosas em 1561 e multiplicam-se ainda mais entre esta data e 1662. As ásperas serranias que separam o Alentejo do Algarve permanecem desabitadas. Um ermo que se manterá até ao século XIX.

Na região a Sul do Tejo as variações da população não são, assim, uniformes, mesmo que em traços gerais se tenha mantido o mesmo tipo de repartição. ORLANDO RIBEIRO (1956) afirma que «desde os primeiros séculos da monarquia portuguesa as linhas gerais da distribuição humana não são essencialmente diferentes das actuais» e que «no Sul se conserva uma tradição urbana que se manteve provavelmente sem interrupção desde a época romana ou árabe».

Das cidades ou vilas a que se poderá atribuir, no século XVI, uma população à volta de 5.000 habitantes ou superior (segundo as fontes citadas e multiplicando por 4 o número de fogos), exceptuando Lisboa e Porto, oito estão a Sul do Tejo: Évora (11.252), Beja (4.820), Portalegre (4.896), Eivas (7.664), Setúbal (4.880), Tavira (6.268), Lagos (5.240)¹ e Portimão (6.000). No Centro existia só uma, Coimbra, e no Norte outra, Guimarães.

No século XVII, no espaço estudado, acresciam-se a estas, nove

povoações: Nisa (6.240), Estremoz (8.800), Vila Viçosa (8.000)², Montemor-o-Novo (8.000), Alvito (8.000), Moura (8.000), Serpa (7.200), Faro (8.800) e Olivença (7.200). Em Portimão diminui o número de habitantes. É, aliás, o Algarve que regista os menores aumentos.

3. *Breves notas interpretativas*

Considerando as áreas onde o povoamento mais se adensou é talvez possível sugerir algumas hipóteses interpretativas.

O forte aumento que se observa à volta de Beja está provavelmente ligado à importância da vida rural na economia portuguesa. Localizando-se ali os solos mais ricos do Alentejo é natural que as aglomerações tenham crescido em número e dimensão. Mas o papel das Ordens Religiosas Militares pode também ter sido determinante para fixar e acelerar o povoamento do país. Tendo-se enraizado preferencialmente no sul — salvo a Ordem de Cristo, que possuía também vastos domínios no norte — tiveram aí funções de relevo não só durante a reconquista, terminada em 1249, como na posterior exploração e colaboração de territórios anteriormente sob domínio árabe. Embora o seu período áureo tenha terminado quase logo após a reconquista (foram anexados à coroa em 1551), é curioso verificar que as áreas de maior concentração de povoamento e aquelas onde parece ter havido tendência para aumento de população coincidem em grande parte com anteriores domínios das Ordens Religiosas Militares (fig. 5). No Baixo Alentejo e na península da Arrábida há correspondência com domínios da Ordem de Santiago; no Alto Alentejo a permanência e intensificação do povoamento poderão estar relacionadas não só com a Ordem dos Hospitários (cuja sede era no Crato), como com a Ordem de Cristo que registou enorme prosperidade a meados do século XVI.

Não será de admitir a hipótese de terem persistido por muito tempo, e de se terem mesmo desenvolvido, os povoados por elas criados? Os hábitos de vida comunitária adquiridos, os cuidadosos processos de exploração do solo não se teriam mantido e desenvolvido, prolongando uma tradição anterior?

Os critérios para a concessão do título de cidade, que se alteraram neste período, podem também ajudar a explicar o surto de urbanização entre os séculos XVI e XVII.

¹ Segundo FREI JOÃO DE S. JOSÉ (1577) teria apenas 1.200 habitantes; segundo o *Numeramento de 1527* 5.240. No quadro final indica-se o último valor.

² O valor de 8.000 habitantes é dado por MENDES DA SILVA (1645) para a população da sede e do termo; o PADRE CARVALHO DA COSTA (1708-1712) indica 5.600, também para a sede e o termo. É certo dos raros casos em que há fortes discrepâncias.

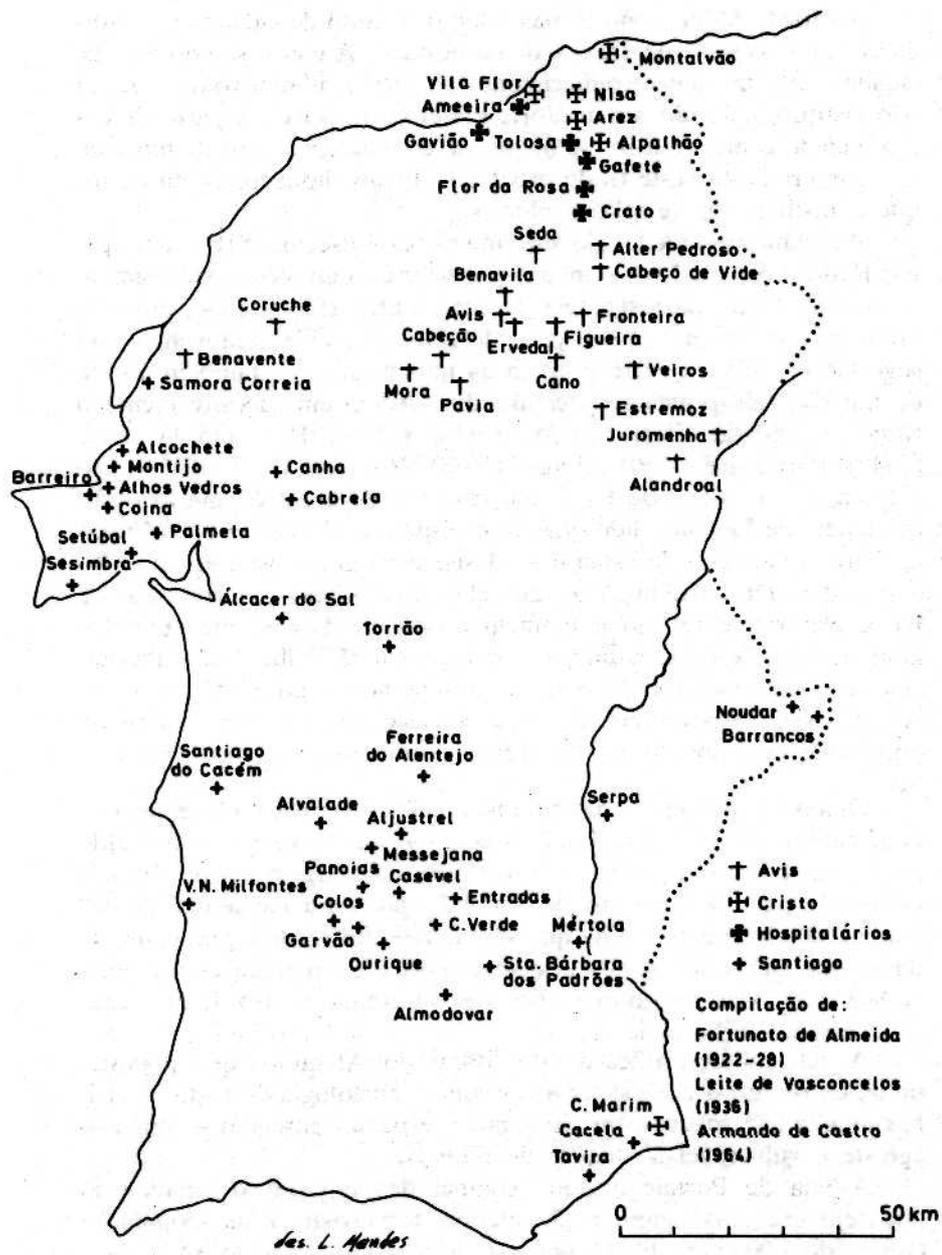


Fig. 5 - Localidades dependentes das Ordens Religiosas Militares no sul de Portugal.

Na Idade Média e no Renascimento o título de cidade era outorgado às povoações que eram sede de bispado. A concessão do foro de cidade constituía um reconhecimento político e administrativo, até aí não institucionalizado, de um forte poder eclesiástico. A partir de então, cidade começou a ser sinónimo de crescente número de moradores, conferindo-lhe este título privilégios fiscais, honoríficos ou outros que a distinguiam de vilas e aldeias.

As primeiras cidades do sul, anteriores ao século XII, eram apenas Évora e Silves. Évora tinha desde há muito um peso extremamente grande. Local de residência da corte entre 1533 e 1536, mostrou pretensões em tornar-se a capital do reino em 1538, renovando esta sugestão em 1552. Centro político da monarquia, era também a sede de um dos três principais arcebispados. Adquirem sucessivamente o título de cidade Eivas (1513), Tavira (1520), Beja (1521), Faro (1540), Portalegre (1550) e Lagos (1573). No mapa de A. SECO não é destacada a cidade de Faro, um caso particular, dado que o título de cidade lhe foi concedido quando o bispo do Algarve (e não o bispo de Faro como seria de esperar se designasse) aí se instalou em 1540, o que determinou uma longa querela entre Silves, anterior sede, e Faro. Naturalmente não é também assinalada Lagos com símbolos gráficos bem destacados uma vez que só em 1573 lhe é reconhecido esse título. Todas elas são bem destacadas no século XVII por P. T. ALBERNAZ. Aparentemente existe relação estreita entre valores de população elevados, título de cidade e processos de figuração gráficos.

Quanto à península da Arrábida, além da proximidade de Lisboa, cabeça de um vasto império colonial que deve ter contribuído para o aparecimento de várias povoações na margem sul do Tejo, é dominada pelo crescimento de Setúbal (que teria passado de 5.000 para 12.000 habitantes), vila que só em 1860 foi reconhecida como cidade, mas que era um dos principais portos de mar da época, mais acessível aos veleiros do que Lisboa e um grande centro de extracção e de comercialização de sal.

A relativa desertificação do litoral do Alentejo, que persiste, pode, entre outras razões, ter a ver com a morfologia da costa — arribas altas e escarpadas com pequenas a esparsas enseadas — por isso agreste e vulnerável a ataques de pirataria.

A vila de Portalegre, que comparada com outras cidades do Alentejo era uma aglomeração menor, teria visto a sua população crescer de 5.000 para 12.000 pessoas em meados do século XVII. Ter-se-ia transformado, com Castelo de Vide e Marvão, «num dos principais centros comerciais do Alentejo» (LARANJO COELHO, 1956, citação de V. SERRÃO, 1975). Mesmo que a sua função de fronteira tenha diminuído de importância durante a dominação espanhola

(1580-1640), a aquisição do título de cidade em 1550, quando se transformou na sede de um bispado, desmembrando-se do de Évora, deve ter contribuído para o seu crescimento.

A distribuição do povoamento no Sul de Portugal, não sendo muito diferente da actual, acusava, de meados do século XVI para XVII, forte tendência para concentração. Algumas das maiores povoações situavam-se aí, tendo várias delas sido promovidas a cidades durante este período.

Difícilmente se pode considerar fortuita a grande coincidência observada entre as regiões onde se registaram os maiores aumentos de população e os domínios das Ordens Religiosas Militares. Não teria a sua acção persistido mesmo após o seu declínio, traduzindo-se na permanência de ocupação de uma região cujos habitantes souberam aproveitar e transmitir os ensinamentos recebidos na exploração e valorização dos campos?

Mais do que tentar explicar a organização do povoamento ao sul do Tejo nos dois séculos — certamente complexa e diferentemente justificada de região para região — o que se pretendeu foi mostrar a sua distribuição em momentos afastados, no tempo, apoiados em fontes cuja utilização não é corrente. Os mapas antigos parecem ser, de facto, fontes insuficientemente exploradas, apesar da sua utilidade e comodidade de consulta. São particularmente valiosos para épocas em que a falta de valores numéricos e a dispersão das fontes de informação — caso da população portuguesa no século XVII — dificulta o seu estudo.

Contrariamente ao que tem sido admitido, parecem observar-se neste período, no Alentejo, tido por todos os historiadores como uma das regiões menos dinâmicas, fortes aumentos de população. Os mapas antigos podem ser úteis para controlar e criticar concepções que assentam sobre fontes dispersas e pouco seguras. Transmitindo o conhecimento que se tinha de uma região em dada altura, podem exprimir uma visão subjectiva da realidade, mas podem também constituir a expressão de fontes estatísticas ou outras que, ou não chegaram até nós, ou estão ainda por descobrir.

BIBLIOGRAFIA

- ALEGRIA, Maria Fernanda — «Cartografia Antiga de Portugal Continental», *Finisterra*, XII, 24, Lisboa, 1977, p. 169-210.
- ; RIMBERT, Sylvie — «La Cartographie Analytique comine Outil de Recherche Historique: Application à une étude de deux cartes du Portugal», *Recherches Géographiques à Strasbourg*, 8, Strasbourg, 1980, p. 53-74.
- ALMEIDA, Fortunato de — *História de Portugal*, Tomo I, III, IV e V, Coimbra, 1922, 1925, 1926 e 1928, 523 p., 822 p., 548 p. e 493 p.
- BARROS, José J. Soares — «Memória sobre as causas da diferente população de Portugal em diversos tempos da Monarquia», *Mem. Econ. da Real Acad. das Scien. de Lisboa*, Lisboa, 1878, p. 123-151.
- CAUVIN, Colette; RIMBERT, Sylvie — *La Lecture Numérique des Cartes Thématiques*, Fribourg, Ed. Universitaires, 1976, 172 p.
- CICERI, M. F., MARCHAND, B.; RIMBERT, S. — *Introduction à l'analyse de l'espace*, Paris, Masson, 1977, 173 p.
- COLAÇO, J. T. Magalhães — «Cadastró da População do Reino (1527)», *Rev. da Fac. de Direito da Univ. de Lisboa*, Ano III, Lisboa, 1934, 243 p.
- COSTA, Fernando — «Importância Geográfica das Ordens Religiosas Militares em Portugal», *Livro de Homenagem a ORLANDO RIBEIRO, II, Lisboa, C. E. G. (no prelo)*.
- COSTA, Padre Carvalho da — *Chorographia Portuguesa*, Vol. II, III, Lisboa, 1708, 1712.
- FERREIRA, Alves *et. al.* — «O mais Antigo Mapa de Portugal (1561)», *Bol. Cent. Est. Geog. Univ. Coimbra*, II (12-13), Coimbra, 1956, p. 1-60.
- GALEGO, Júlia — *A Comarca d'amtre Tejo e Odiana no Numeramento de 1527-1532*, Relatório n.º 1, Linha de Acção n.º 6, Lisboa, C.E.G./I.N.I.C., 1983, 19 p.
- GASPAR, Jorge — *A Área de Influência de Évora*, Memória C.E.G., Lisboa, 1972, 414 p.
- GUERREIRO, M. V.; MAGALHÃES, J. R. (dir.) — «Duas Descrições do Algarve do Século XVI», *Col. Rev. Hist. Ec. Social*, 3, Lisboa, Sá da Costa, 1983, 182 p.
- LEÃO, Duarte Nunes de — *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa, 1610, p. n.n.
- MARQUES, A. H. de Oliveira — *História de Portugal*, Tomo I, 2.ª ed. Lisboa, Agora, 1973, 709 p.
- MAURO, Frédéric — *Le Portugal et l'Atlantique au XVII^e siècle (1570-1670). Étude Économique*, Paris, Ec. Prat. de Hautes Études, S.E.V.P.E.N., 1960, 550 p.
- MOTA, T.; CORTESÃO, A. (dir.) — *Portugaliae Monumento Cartographica*, Vol. IV, Coimbra, 1962, 160 p.
- RAU, Virgínia — «Para a História da População Portuguesa nos séculos XV e XVI (Resultados e Problemas de Método)», *Do Tempo e da História*, Vol. I, 1965, p. 7-46.

- RIBEIRO, Orlando — «Comentário geográfico a dois passos de 'Os Lusíadas'», *Finisterra*, VI, 12, 1971, p. 246-247.
- «Portugal», Tomo V de *Geografia de España y Portugal*, 1.ª Ed., Barcelona, 1955, 290 p.
- «Portugal e o «Algarve». Singularidade de um nome de Província», *Bol. Filologia*, XVI, 1953, p. 330-339.
- SERRÃO, J. Veríssimo — «A concessão do foro de cidade em Portugal dos séculos XII a XIX», *Portugaliae Historica*, I, Lisboa, Fac. Let. Univ. Lisboa, Inst. Hist. Inf. D. Henrique, 1973, p. 13-80.
- «Uma Estimativa da População de Portugal em 1640», Mem. da Acad. das Ciênc. de Lisboa, Classe Letras, Tomo XVI, Lisboa, 1975, p. 213-303.
- —*História de Portugal*, Vol. II, III, 2.ª Ed., Lisboa, Verbo, 1977 e 1978, 401 p. e 476 p.
- — «Viagens em Portugal de Manuel Severin de Faria, 1604-1609-1625», *Acad. Port. de Hist.*, Lisboa, 1974, 155 p.
- SILVA, R. Mendes da — *Poblacion General de España*, 1.ª Ed., 1645.
- SILVEIRA, A. Henriques da — «Sobre a Agricultura e População da Província de Além-Tejo», *Mem. Econ. da Real Acad. das Ciênc.*, Tomo I, Lisboa, 1979, p. 41-122.
- SIRGADO, Carlos — «A Evolução dos Centros Povoados no Ribatejo», inédito apresentado no Seminário Fontes da Geografia de Portugal, dirigido por ORLANDO RIBEIRO, Fac. Let. Univ. Lisboa, 1978-79.
- VASCONCELOS, Leite de — *Etnografia Portuguesa*, Vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1941, 794 p.

RÉSUMÉ

— *Analyse comparé de deux cartes et d'autres sources historiques* —

L'HABITAT AU SUD DU TAGE, AUX XVI^e ET XVII^e SIÈCLES

Les cartes anciennes peuvent être des moyens commodes et utiles pour la connaissance de certaines époques, surtout celles où les autres sources historiques sont peu abondantes. On a tenté l'étude de l'habitat au Sud du Tage vers le milieu du XVI^e siècle et le milieu du XVII^e siècle, d'après les cartes d'ALVARO SECO, 1561, et de PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ, 1662, (fig. 1, 2 et 3), en comparant ces images aux données numériques obtenues à partir d'autres sources (fig. 4). Cette tentative confirme non seulement la richesse des cartes utilisées, comme leur capacité à traduire la répartition de l'habitat, principalement au XVII^e siècle où les sources démographiques permettant l'étude de la population portugaise sont très rares.

ABSTRACT

— *Comparative analysis between two maps and other historical sources* —

SETTLEMENT SOUTH OF THE TAGUS IN THE 16TH AND 17TH CENTURIES

Early maps can represent invaluable easy means of information about certain periods, especially when there are few other historical sources.

The attempt to study settlement south of the Tagus, in the middle of the 16th century and in the middle of the 17th century, based on the maps made by Alvaro Seco — 1561 — and Pedro Teixeira Albernaz — 1661 (fig. 1, 2 and 3), and compare it with data obtained from other sources (fig. 4), confirms both the importance of the maps used and their validity as evidence of the distribution of the population, especially in the 17th century, given the scarcity of demographic sources for the study of the Portuguese population.

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE PORTALEGRE

ZONA E NÚMERO	NOME NO MAPA DE ÁLVARO SECO	NOME NO MAPA DE P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHO	POPULAÇÃO (ver fontes (1) e (8) no final		ÍNDICES ATRIBUÍDOS			
					Séc. XVI	Séc. XVII	(Fig. 3) Mapas		(Fig. 4) População	
14-18	Mitragil	Montargil	Montargil	Ponte de Sor	—	800(6)	1	1	0	—
14-22	S. Marinho (S. Maranho)	Maranhão	Avis	—	—	1	0	—	—
14-23	Campo de benueide	Campo de Benavila	"	—	—	1	1	—	—
14-24	Avis	Aviz	"	1280(1)	1600(2)	1	1	1	1
14-25	Ponte do Sor	Ponte de Sor	Ponte de Sor	108(1)	—	1	1	1	0
14-26	Canho	O cano	Sousel	456(1)	1000(8)	1	1	1	1
14-27	Ervedal	Ervedal	Avis	284(1)	490(8)	1	1	1	1
14-28	Benavila	Benavila	"	332(1)	400(8)	1	1	1	1
14-29	Seda	Seda	Alter Chão	588(1)	800(2)	1	1	1	1
14-30	Lagomel	Longomel (Margem)	Gavião	—	—	1	1	—	—
14-31	V.ª ferosa	V.ª Ferosa	Vila Ferosa (Seia)	Alter Chão	—	—	1	1	—	—
14-32	Marge (Margê)	Margem	Gavião	92(1)	240(8)	1	1	1	1
14-33	Gavião	Garvão	"	128(1)	—	1	1	1	0
14-37	Sousel	Sousel	Sousel	1868(1)	2000(8)	1	1	1	1
14-38	Fronteira	Fronteira	Fronteira	1952(1)	3200(2)	1	1	1	1
14-39	Cabeça de uide (Cabeça de uide)	Cabeço de Vide	"	1564(1)	2400(2)	1	1	1	1
14-40	Alter pedroso	Alter pedroso	Alter Chão	40(1)	200(8)	1	1	1	1
14-41	Alter do chaon	Alter do Chaõ	"	a) 2348(1)	a) 4280(2)	1	1	1	1
14-42	Crato	O Crato	Crato	1564(1)	2800(8)	1	1	1	1
14-43	Monte do chamico	Monte do Chamico	"	144(1)	—	1	1	1	0
14-44	Aldea da mata	Aldeia da Mata	"	236(1)	—	1	1	1	0
14-45	Sourinho (Sourinho)	?	"	—	—	1	0	—	—
14-46	Galete	Gáfete	Crato	420(1)	1800(8)	1	1	1	1
14-47	Tolosa	Tolosa	Nisa	168(1)	800(8)	1	1	1	1
14-48	Aires	Arês	"	168(1)	—	1	1	1	0
14-49	Amieira	Amieira (Vila Flor)	"	888(1)	2800(8)	1	1	1	1
14-50	V.ª frol	Vila Flor	"	168(1)	320(8)	1	1	1	1
14-55	V.ª fernado	Vila Fernando	Evas	40(1)	320(8)	1	1	1	1
14-56	Barbacem (Barbaem)	Barbacena	"	248(1)	60(8)	1	1	1	1
14-57	Monforte	Monforte	Monforte	a) 2640(1)	a) 5600(2)	1	1	1	1

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE PORTALEGRE (Continuação)
(ver cabeçalho completo página inicial)

N.º	A. SECO	P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHOS	POPULAÇÃO		ÍNDICES			
14-58	C. Portalegre	Portalegre	Portalegre	Portalegre	4896(1)	12000(2)	2	2	2	2
14-59	Alpalhaon	Alpalhaõ	Alpalhão	Nisa	460(1)	1800(8)	1	1	1	2
14-60	Auisa	Auisa	Nisa	»	1180(1)	6240(8)	1	1	1	2
14-62	V.ª Boim	V.ª Boim	Vila Boim	Elvas	132(1)	240(8)	1	1	1	1
14-63	C. Elvas	Elvas	Elvas	»	7664(1)	2000(8)	2	2	2	2
14-64	Campo Maior	Campo Maior	Campo Maior	C.º Maior	2528(1)	4800(8)	1	1	1	1
14-65	Ongela (Ougela)	Ouguela	Ouguela	C.º Maior	576(1)	800(2)	1	1	1	1
14-66	Aronches	Aronches	Aronches	Aronches	2868(1)	2400(2)	1	1	1	1
14-67	Asumar	Açumar	Açumar	Monforte	364(1)	1200(2)	1	1	1	1
14-68	Alegrete	Alegrete	Alegrete	Portalegre	936(1)	1400(2)	1	1	1	1
14-69	S. Antioio (S. Antonio)		Convento St.º António (Rib. de Nisa)	»	—	—	1	0	—	—
14-70	Maruaom	Maruaõ	Marvão	Marvão	1452(1)	1400(2)	1	1	1	1
14-71	Castel da uide	Castel de vide	Castelo de Vide	Cast. de Vide	3540(1)	3200(2)	1	1	1	1
14-72	As meadas	As meadas	Póvoa e Meadas	» » »	—	—	1	1	—	—
14-73	A pouca	meadas	Póvoa das Meadas	» » »	252(1)	520(8)	1	1	1	1
14-74	Montalvaõ	Montalvaõ	Montalvão	Nisa	612(1)	1080(8)	1	1	1	1
14-81		S. Olalla	S. Eulália	Elvas	—	—	0	1	—	—
14-82		Palma	Palma	Monforte	—	—	0	1	—	—
14-83		N. S. flor da Rosa	Fior da Rosa	Crato	—	—	0	1	—	—
14-84		S. Antonio	Quinta de St.º António	Portalegre	—	—	0	1	—	—
14-87		Santinha	Salvadeira?	Avis	—	—	0	1	—	—
14-88		Ponte caiada	?	Elvas?	—	—	0	1	—	—
14-91		Souerinho	?	Gavião	—	—	0	1	—	—
14-92		Cea	?	Fronteira	—	—	0	1	—	—
14-93		Vendas	?	Nisa	—	—	0	1	—	—
17-15	Pöte doliuça	Porte de Oluença	Porte de N.ª S.ª da Ajuda (Ajuda)	Elvas	—	—	1	1	—	—

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE SETÚBAL

(ver cabeçalho completo página inicial)

N.º	A. SECO	P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHOS	POPULAÇÃO		ÍNDICES			
15-1	Nossa surá do cabo (Nosa snora do cabo)	N.ª Sr.ª do Cabo (Sesimbra)	N.ª Senhora do cabo (Sesimbra)	Sesimbra	—	—	1	1	—	—
15-2	Albufeira	Albufeira	Lagoa de Albufeira	»	—	—	1	1	—	—
15-3	Moesteiro da deceda		Almada?	Almada	—	—	2	0	—	—
15-4	Quinta tauora		S.to António dos Capuchos (Caparica)	»	—	—	2	0	—	—
15-5	Caparica	Caparica	Caparica	»	—	425(3)	1	1	0	1
15-6	Trafaria	Trafaria	Trafaria (Caparica)	»	—	—	1	1	—	—
15-7	Almada	Almada	Almada	»	712(1)	1800(2)	1	1	1	1
15-8	A baleeira		Baleeira (Sesimbra)	Sesimbra	—	—	1	0	—	—
15-9	Marinha das uacas	Marinha das Vacas	?	Seixal	—	—	1	1	—	—
15-10	Setúbal	Setúbal	Setúbal	Setúbal	4880(1)	12000(3)	1	1	2	2
15-11	Cazimbra	Cazimbra	Sesimbra	Sesimbra	1372(1)	38000(2)	2	1	1	2
15-12	Azeuaão (Azetaó)	Azetaó	Azetaó	Setúbal	—	—	1	1	—	—
15-13	Forno do uidro		?	»	—	—	1	0	—	—
15-14	O lauedrio (Lauradio)	Lauradio	Lavradio	Barreiro	132(1)	560(3)	1	1	1	1
15-15	Couna	Couna	Coina (Palhais)	»	524(1)	350(3)	1	1	1	1
15-16			Palhais	»	192(1)	—	1	0	1	0
15-17			Teiha (Palhais)	»	140(1)	—	1	0	1	0
15-18	Palmela	Palmela	Palmela	Palmela	1036(1)	3200(2)	1	1	1	1
15-19	O sarilhei omonta (Osarilhei amounta)	Sarilinhos e Mouta	Sarilhos (Pequenos) e Moita	Moita	184(1)	680(8)	1	1	1	1
15-20	Alhos vedros	Alhos Vedros	Alhos Vedros	»	552(1)	800(8)	1	1	1	1
15-21	O bareiro	Barreiro	Barreiro	Barreiro	524(1)	710(3)	1	1	1	1
15-22	Aldea galega	Aldea galega	Montijo	Montijo	424(1)	800(4)	1	1	1	1
15-23	Alcochete	Alcochete	Alcochete	Alcochete	736(1)	1917(3)	1	1	1	2
15-24	Riofrio	R. frio	Rio Frio (Pinhal Novo)	Palmela	—	—	1	1	—	—
15-25	Taparica	Taparica	Caparica (Alcochete)	Alcochete	—	—	1	1	—	—
15-28	Porto da lama	Porto da Lama	Porto da Lama	Alcácer Sal	—	—	1	1	—	—
15-29	Alcacer dosal	Alcaçar do Sal	Alcácer do Sal	»	2184(1)	1600(2)	1	1	1	1
15-32	Bombel	Bombel	Bombel (Canha)	Montijo	—	—	1	1	—	—
15-33	O escatelar	Paso do Escatelar	Escatelar (Canha)	»	—	—	1	1	—	—
15-34	Pacos da cana (Paços da cana)	Paço da Canha	Canha	»	240(1)	800(8)	1	1	1	1
15-40	Oterraó	O Tarrão	Torrão	Alcácer Sal	1324(1)	2400(8)	1	1	1	1
15-69		Agualua	Agualva (Marateca)	Palmela	—	—	0	1	—	—
15-70		Marateca	Marateca	»	—	—	0	1	—	—

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE SETÚBAL (*Continuação*)
(ver cabeçalho completo página inicial)

N.º	A. SECO	P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHOS	POPULAÇÃO		ÍNDICES			
15-71		Palma	Palma (S.ª M.ª do Castelo) ..	Alcácer do Sal	—	—	0	1	—	—
15-72		Pegões	Pegões (Canha)	Montijo	—	—	0	1	—	—
15-77		Morfaçem	Morfacém (Trafaria)	Almada	—	—	0	1	—	—
15-78		Arrábida	Arrábida (Serra da)	Sesimbra-Setúbal ..	—	—	0	1	—	—
15-79		Seixal	Seixal	Seixal	—	—	0	1	—	—
15-80		Casilhas	Cacilhas	Almada	—	—	0	1	—	—
15-81		Sarilhos	Sarilhos Grandes	Montijo	—	—	0	1	—	—
15-82		Samouco	Samouco	Alcochete	—	280(8)	0	1	0	1
15-85		Pedras negras	Chã dos navegantes? ..	Sesimbra	—	—	0	1	—	—
15-86		Corre Vela ou Torre Vela? ..	?	Almada?	—	—	0	1	—	—
15-87		C.º da S. Felipe	Cast. de S. Filipe	Setúbal	—	—	0	1	—	—
15-89		Atorve	?	?	—	—	0	1	—	—
15-97		Torre do otão	Outão	Setúbal	—	—	0	1	—	—
16-5	Sinis	Sines	Sines	Sines	720(1)	2000(8)	1	1	1	1
16-6	S. Tiago de cacém	S. Tiago de caçern	Santiago de Cacém	Santiago de Cacém ..	872(1)	800(8)	1	1	1	1
	(S. Tiago do caçém)									
16-7	Melides	Melide	Melides	Grândola	—	3600(8)	1	1	0	1
16-8	Grândola	Grândola	Gândola	Grândola	180(1)	—	1	1	1	0
16-9	Troia	Troia	Troia (Monte VII)	Alcácer Sal	—	—	1	1	—	—
16-16	Alvalade	Alvalade	Alvalade	Sant. Cacém	320(1)	1000(8)	1	1	1	1
16-33		S. Giraldo	S. Geraído	Sines	—	—	0	1	—	—
16-35		Alagoas	Lagoa Formosa, L.	Grândola	—	—	0	1	—	—
			Travessa S. do Leite		—	—	0	1	—	—
16-36		Molitros	Motinha?		—	—	0	1	—	—
16-37		Venda	?	Alcácer Sal	—	—	0	1	—	—
16-38		S. João de Sines	?	Sines	—	—	0	1	—	1

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE ÉVORA
(ver cabeçalho completo página inicial)

N.º	A. SECO	P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHOS	POPULAÇÃO		ÍNDICES			
14-14	Arraiolos	Arraiolos	Arraiolos	Arraiolos	a) 3040(1)	a) 4240(2)	1	1	1	1
14-79		Vt.ª do Duque	Venda do Duque (Vimieiro)	"	—	—	0	1	—	—
14-15	Asagueas	As Águias	As Águias ou Brotas (Mora)	Mora	72(1)	240(8)	1	1	1	1
14-16	Amora	Amora	Mora	"	164(1)	1200(8)	1	1	1	1
14-17	Cabeçaon	Cabeçaõ	Cabeção	"	—	—	1	1	—	—
14-19	Euora móte (Euora monte)	Evoramonte	Évora Monte	Estremos	a) 1244(1)	a) 2400(8)	1	1	1	1
14-20	Vimieiro	Vimieiro	Vimieiro	Arraiolos	468(1)	1200(8)	1	1	1	1
14-21	Paulia	Bania	Pavia	Mora	188(1)	1000(8)	1	1	1	1
14-34	Os arcos	Os Arcos	Arcos	Estremoz	—	—	1	1	—	—
14-35	Estremos (Estremoz)	Estremoz	Estremoz	"	3876(1)	8800(2)	1	1	1	2
14-36	Veiras	Veiros	Veiros	"	1184(1)	2000(2)	1	1	1	1
14-51	Berba (Borba)	Borba	Borba	Borba	a) 37321(1)	a) 4360(2)	1	1	1	1
14-52	Landroal	Olandroal	Alandroal	Alandroal	1136(1)	2000(2)	1	1	1	1
14-53	Ferreira	Ferreira	Aldeia de Ferreira (Capelins)	"	—	—	—	1	—	—
14-54	V.ª uicosa	V. Viciosa	Vila Viçosa	V. Viçosa	a) 4264(1)	a) 5600(2)	1	1	1	2
14-61	Geramenha (Gerumenha)	Xerumenha	Juromenha	Alandroal	600(1)	800(2)	1	1	1	1
14-80		Tapada	Monte da Tapada	Estremoz	—	—	0	1	—	—
15-30	Cabrela	Cabrela	Cabrela	Mont.-o-Novo	—	—	1	1	—	—
15-31	A landeira	A landeira	Landeira	"	—	—	1	1	—	—
15-42	As alcaçouas	As Ascaçouas	Aicáçovas	Viana Alent.	1032(1)	2400(8)	1	1	1	1
15-43	Viana	Viana	Viana do Alentejo	"	1268(1)	2400(2)	1	1	1	1
15-45	Montemor ho nouo	Montemor-o-nouo	Montemór-o-Novo	Mont.-o-Novo	3556	800(2)	1	1	1	2
15-52	A tourega	Tourega	Monte da Tourega (Vimieiro)	Arraiolos	—	—	1	1	—	—
15-54	Odiueias	Odiueias	?	Portel	—	—	1	1	—	—
15-55	C. Evora	Evora	Évora	Évora	11252(1)	16000(2)	2	2	2	2
15-58	Vera Cruz	Vera Cruz	Vera Cruz do Marmelar	Portel	—	—	1	1	—	—
15-59	Portel	Portel	Portel	"	a) 3216(1)	a) 6640(2)	1	1	1	2
15-60	Monte de trigo	M.te de Trigo	Monte de Trigo	"	—	—	1	1	—	—
15-61	Aldea de m.ª alonso	Aldea de m.ª Alfonso	Aldeia de Maria Alfonso (S. Marcos do Campo)	Reg. Monsaraz	—	—	1	1	—	—
15-62	Mó sarz	Monsaraz	Monsaraz	"	a) 2588(1)	a) 6416(2)	1	1	1	2
15-63	Montouto	Montouto	Montoitto	Redondo	64	a) 480(8)	1	1	1	1
15-64	Castelo real	Castelo Real	Herdade do Castelo Real	Évora	—	—	1	1	—	—

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE ÉVORA (Continuação)
(ver cabeçalho completo página inicial)

N.º	A. SECO	P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHOS	POPULAÇÃO		ÍNDICES			
15-85	O redondo (O redondo)	O Redondo	Redondo	Redondo	908(1)	1200(2)	1	1	1	1
15-86	Prouincia maior	Prouença maior	Provença (Canal)	Estremos	—	—	1	1	—	—
15-67	Val de infante	Vale de Infante	Vale de Infante (Canal)	"	—	—	1	1	—	—
15-68	Terrena	Terena	Terena	Alandroal	680(1)	1000(8)	1	1	1	1
15-73		Veritas da Silveira	Monte da Silveira	Vendas Novas	—	—	0	1	—	—
15-74		Torre dos Coelhoos	Torre de Coelhoeros	Évora	—	—	0	1	—	—
15-75		Loure	Lavre	Mont-o-Novo	—	1008(8)	0	1	—	—
15-76		Via del palatin	Patalim	"	—	—	0	1	—	—
15-84		Vendas novas	Vendas Novas	Vendas Novas	—	—	0	1	—	—
15-90		Venda da Rainha	Foros dos Campos da Rainha	—	—	—	0	1	—	—
15-91		Vilhaua	?	—	—	—	0	1	—	—
15-93		Oliuelas	?	Portel?	—	—	0	1	—	—
15-96		V.ª delegea	?	Mont-o-Novo	—	—	0	1	—	—
17-11	Agrania	Agranja	Granja	Mourão	372(1)	—	1	1	1	0
17-12	Mourao	Mourão	Mourão	"	12220	2000(2)	1	1	1	1

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE BEJA

(ver cabeçalho completo página inicial)

N.º	A. SECO	P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHOS	POPULAÇÃO		ÍNDICES			
14-41	V.ª Noua	V.ª Noua	Vila Nova da Baronia	Alvito	950(1)	2200(8)	1	1	1	1
15-44	A cuba	Cuba	Cuba	Cuba	648(1)	2400(8)	1	1	1	1
15-46	S. Couado	S. Coronado	S. Cocufare (Vila de Frades)	Vidigueira	—	—	1	1	—	—
15-47	V.ª de frades	V.ª de frades	Vila de Frades	"	496(1)	3200(8)	1	1	1	1
15-48	V.ª ruiua	V.ª Ruiua	Vila Ruiua	Cuba	304(1)	1440(8)	1	1	1	1
15-49	Alvito	Alvito	Alvito	Alvito	1456(1)	8000(8)	1	1	1	2
15-50	V.ª alva	V.ª Alva	Vila Alva	Cuba	160(1)	1400(8)	1	1	1	2
15-51	Ouriola	Oriola	Oriola	"	244(1)	800(8)	1	1	1	1
15-53	Vidigueira	Vidigueira	Vidigueira	Vidigueira	1308(1)	3200(8)	1	1	1	1
15-56	Os pedroguês (Os pedrogaês)	Pedregão	Pedrogão	"	—	—	1	1	—	—
15-57	Marmelar	Marmelal	Marmelar	"	96	—	1	1	1	0
15-92	Vale	Vale	Vale de Arada?	Cuba	—	—	0	1	—	—
16-1	Sardão	Serdão	Sardão (S. Teotónio)	Odemira	—	—	1	1	—	—
16-2	Odemira	Odemira	Odemira	"	a) 764(1)	1600(2)	1	1	1	1
16-3	V.ª formosa	Vila formosa	Vila Formosa	"	—	—	1	1	—	—
16-4	V.ª noua do infante (V.ª noua de infante)	Vila Noua de mil fontes	Vila Nova de Mil Fontes	"	40(1)	1600(8)	1	1	1	1
16-10	S. Martinho	S. Martinho	S. Martinho das Amoreiras	"	—	—	1	0	—	—
16-11	S. Clara	S.ªs Clara	Santa Clara-a-Velha	"	—	—	1	1	—	—
16-12	Garuão (Garuaõ)	Garuaõ	Garvão	Ourique	432(1)	880(8)	1	1	—	—
16-13	S. Lucia	S.ªs Luzia	S.ª Luzia	"	—	—	1	1	—	—
16-14	Os colos	Os colos	Colos	Odemira	540(1)	1000(8)	1	1	1	1
16-15	Ourique	Ourique	Ourique	Ourique	520(1)	800(8)	1	1	1	1
16-17	Almodovar	Almodouar	Almodóvar	Almodóvar	708(1)	2600(8)	1	1	1	1
16-18	Os padroes	Padrões	Padrões	"	116(1)	1120(8)	1	1	1	1
16-19	Crasto	Castro verde	Castro Verde	Castro Verde	380(1)	1600(8)	1	1	1	1
16-20	Caseuel	Casevel	Caséver	"	136(1)	—	1	1	1	0
16-21	Panoias	Pajones	Panóias	Ourique	360(1)	1040(8)	1	1	1	1
16-22	Mesejena	Masajena	Messejana	Aljustrel	776(1)	920(8)	1	1	1	1
16-23	Aljustel	Aljustrel	Aljustrel	"	416(1)	3600(8)	1	1	1	1
16-24	Gracia menino	Gracia menino	Gracia Menino (Sta. Margarida do Sadão)	Ferreira do Alentejo	—	—	1	0	—	—
16-25	Ferreira daves	Ferreira daves	Ferreira do Alentejo	" " "	572(1)	1200(8)	1	1	1	1
16-26	Alfundaõ	Alfundaõ	Alfundão	" " "	200(1)	—	1	1	1	0

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE BEJA (*Continuação*)
(ver cabeçalho completo página inicial)

N.º	A. SECO	P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHOS	POPULAÇÃO		ÍNDICES			
16-27	Odiueias	Oliveias	Odiueias	Ferreira do Alentejo	—	—	1	1	—	—
16-28	As periras	Pereiras	Pereiras (S. Miguel do Pinheiro)	Mértola	—	—	1	1	—	—
16-29	As êtradas	Entradas	Entradas	Castro Verde	356(1)	1000(8)	1	1	1	1
16-30	Mertola	Mertola	Mértola	Mértola	852(1)	2000(2)	1	1	—	—
16-31	Alcaria ruiva	Alcaria Ruiva	Alcaria Ruiva	"	128(1)	—	1	1	1	0
16-32	C. Beia	Beja	Beja	Beja	4820(1)	12000(2)	2	2	2	2
16-34		Berinjel	Berijel	Ferreira do Alentejo	—	1600(2)	0	1	0	1
17-1	A de moreanes	A de Mairanes	Monte Moreanes (Santana de Cambas)	Mértola	—	—	1	1	—	—
17-2	Corte do pinto	Corte de Pinto	Corte do Pinto	"	148(1)	—	1	1	1	0
17-3	Serpa	Serpa	Serpa	Serpa	2868(1)	7200(2)	1	1	1	2
17-4	Berinchês	Berinchês	Brinches	"	—	—	1	1	—	—
17-5	Moura	Moura	Moura	Moura	3504(1)	8000(2)	1	1	1	2
17-6	Caíra (Caíra)	Caíará	Sáfara	"	708(1)	—	1	1	1	0
17-7	S. Guilherme	?	?	"	—	—	1	0	—	—
17-8	Mortigaô	Mortigaô	?	Barrancos	—	—	1	1	—	—
17-9	Noudar	Noudar	Noudar	"	24(1)	800(2)	1	1	1	1
17-10	As porquarias	?	?	Espanha	—	—	1	0	—	—
17-13	A dos asnos	A dos asnos	?	"	—	—	1	1	—	—
17-14	C. Oliveça	Oliveça	Oliveça	"	4212(1)	7200(2)	2	2	1	2
17-16		V.ª Nova de ficalho	Vila Verde de Ficalho	Serpa	—	200(8)	0	1	—	—
17-17		S. Alexo	Santo Aleixo	Moura	—	—	0	1	—	—
17-18		Barrancos	Barrancos	Barrancos	—	—	0	1	—	—

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE FARO
(ver cabeçalho completo página inicial)

N.º	A. SECO	P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHOS	POPULAÇÃO		ÍNDICES			
18-1	S. Vicente (S. Vicente)	S. Vicente	S. Vicente (Sagres)	Vila Bispo	—	—	1	1	—	—
18-2	Sogres (Sagres)	Sagres	Sagres	" "	—	96(7)	1	1	0	1
18-3	Aldea bpô (Aldea do Bpo)	Aidea do Bispo	Vila do Bispo	" "	240(5)	320(7)	1	1	1	1
18-4	Carapab. ^a (Carapatr. ^a)	Carapeteira	Carrapeteira	Aljezur	—	96(7)	1	1	0	1
18-5	Aliamur (Aliazur)	Algesur	Aljezur	"	800(5)	800(7)	1	1	1	1
18-6	Fig. ^{ra}	Figúira	Figueira (Budens)	Vila Bispo	—	—	1	1	—	—
18-7	Burdocem	Bundes	Budens	" "	160(5)	200(7)	1	1	1	1
18-8	Rapeseira (Raposeira)	Arapuseira	Raposeira	" "	400(5)	240(7)	1	1	1	1
18-9	Alburreira (Alburdeira)	Alburdeira	Bordeira	Aljezur	160(5)	240(7)	1	1	1	1
18-10	Vidigal	Vidigal	Vidigal (Aljezur)	"	—	160(7)	1	1	0	1
18-11	Odezeiza (Odezeixa)	Seixa	Odeceixe	"	—	280(7)	1	1	0	1
18-12	Valde boi	Val de Rey?	Vale de Boi (Budens)	Vila Bispo	—	100(7)	1	1	0	1
18-13	Lagos	Lagos	Lagos	Lagos	5240	8000(2)	1	2	1	2
18-14	Espuche	Espiche	Espiche (Luz)	"	—	60(7)	1	1	0	1
18-15	Vécafrim	Bencasin	Bensafrim	"	—	180(7)	1	1	0	1
18-16	Mochiques (Môchique)	Montachique	Monchique	Monchique	—	1200(7)	1	1	0	1
18-17	Aluor	Aluor	Alvor	Portimão	—	960(7)	1	1	0	1
18-18	Ameixilhoaro	Mexoleira	Mexilhoeira Grande	"	1200(5)	1400(7)	1	1	2	2
18-19	V. ^a noua de portimão	Vila Noua	Portimão	"	6000(5)	3600(7)	1	1	2	1
18-20	Ferragudo	Ferragudo	Ferragudo	Lagoa	—	32(7)	1	1	0	1
18-21	Estobar (Estombar)	Estômbar	Estômbar	"	—	—	1	0	—	—
18-22	Alferça	Alferraz	Alferce	Monchique	—	240(7)	1	1	0	1
18-23	Pchos velhos	Porches velho	Porches Velho (Porches)	Lagoa	—	40(7)	1	1	0	1
18-24	Pchos novos (Pchos nouos)	Porches	Porches	"	160(5)	200(7)	1	1	1	1
18-25	Alagoas	Lagoas	Lagoa	"	—	—	1	0	—	—
18-26	Pera	Pera	Pera	Silves	160(5)	320(7)	1	1	1	1
18-27	Silves	Silves	Silves	"	1084(1)	2400(2)	2	2	1	1
18-28	Alcântarilha	Alcantarilha	Alcantarilha	"	800(5)	800(7)	1	1	1	1
18-29	Albufeira	Albufeira	Albufeira	Albufeira	b) 1388	1800(7)	1	1	1	1
18-30	A úteira (Auteira)	Coarteira	Quarteira (Bouqueime)	Loulé	—	—	1	1	—	—
18-31	Alte	Alte	Alte	"	—	240(7)	1	1	0	1
18-32	Torre de curtr. ^a	Torre da Quarteira	Torre da Quarteira (Bouqueime)	"	—	—	1	1	—	—

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE FARO (Continuação)

(ver cabeçalho completo página inicial)

N.º	A. SECO	P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHOS	POPULAÇÃO		ÍNDICES			
18-33	Armação da curta		Armação da Quarteira (Boliquireme)	Loulé	—	—	1	0	—	—
18-34	Loulé	Loulé	Loulé	"	2144(1)	2400(7)	1	1	1	1
18-35	Farroilhas	Farroilhas	Farroilhas (Faro)	Faro	—	—	1	1	—	—
18-36	Faraó	Faro	Faro	"	3492(1)	8800(7)	1	2	1	2
18-37	Estoi	Estoi	Estói	"	600(5)	200(7)	1	1	1	1
18-38	Os almargês	Almargem	Almargem (S. Brás de Alportel)	Alportel	—	—	1	1	—	—
18-39	Figueira	Figueira	?	—	—	—	1	-1	—	—
18-40	Gódar		?	—	—	—	1	0	—	—
18-41	Torre do marim (Torre de marim)	V.a de marim	Marim (Queifes)	Olhão	—	—	1	1	—	—
18-42	Mócarpacho (Mócarpacho)	Moncarapacho	Moncarapacho	"	—	320(7)	1	1	0	1
18-43	Capacho		?	—	—	—	1	0	—	—
18-44	Fôte do bpo	Torre do Bispo	Fonte do Bispo	Tavira	—	800(7)	1	1	0	1
18-45	Aldea de tritilhosa		?	Loulé	—	—	1	0	—	—
18-46	C. Taula	Tavra	Tavira	Tavira	6268(1)	8000(7)	2	2	2	2
18-47	Caçela	Caçela	Caçela	V. Real S.º António	—	600(7)	1	1	0	1
18-48	Castro marim	Castro marim	Castro Marim	Castro Marim	1492	1200(2)	1	1	1	1
18-49	Alcoutim	Alcoutim	Alcoutim	Alcoutim	—	800(1)	1	1	0	1
18-50		Aldea de Marim	Marim Longo	"	—	280(7)	0	1	0	1
18-51		O Almargem	Almargem (Conceição)	Tavira	—	—	0	1	—	—
18-52		Ataia	Ataia (Sr.ª da Luz)	Lagos	—	—	0	1	—	—
18-53		Amadena	Almadena	"	—	112(7)	0	1	0	1
18-54		Maralhapira	Marachique (Alvor)	Portimão	—	—	0	1	—	—
18-55		Santauar	Senteiras?	Lagos	—	—	0	1	—	—
18-56		Torre de Albufeira	Torre Velha?	Albufeira	—	—	0	1	—	—
18-57		Arúnea	Arzinha	Loulé	—	—	0	1	—	—
18-58		Bias	Bias (do Norte e do Sul)	Tavira	—	—	0	1	—	—
18-59		Muello(a)?	?	Vila Bispo	—	—	0	1	—	—
18-60		Castilho?	?	"	—	—	0	1	—	—
18-61		Anteira	?	Silves?	—	—	0	1	—	—
18-62		Figueira	?	Olhão?	—	—	0	1	—	—
18-63		Castilho?	?	Tavira	—	—	0	1	—	—

FONTES:

- (1) «Cadastro da População do Reino», 1537-35
- (2) MENDES DA SILVA, 1645
- (3) FREI NICOLAU DE OLIVEIRA, 1620
- (4) SEVERIN DE FARIA, 1604-1609-1625
- (5) FREI JOÃO DE S. JOSÉ, 1577
- (6) VERISSIMO SERRÃO, 1975
- (7) HENRIQUE SERRÃO, cerca 1600
- (8) PADRE CARVALHO DA COSTA, 1708-1712

OBSERVAÇÕES:

- a) Valores da população de sede e do termo
- b) Valor médio de 2000 (fonte 5) e 776 (fonte 1)

POVOAÇÕES DO DISTRITO DE SANTARÉM
(ver cabeçalho completo página inicial)

N.º	A. SECO	P. T. ALBERNAZ	NOME ACTUAL	CONCELHOS	POPULAÇÃO		ÍNDICES			
14-1	Salveterra	Salveterra	Salveterra de Magos	Salv. Magos	600(1)	800(2)	1	1	1	1
14-2	Ascaroupí (Escaroupí)	Escaroupim	(Quinta de) Escaroupim (Muge)	" "	20(1)	—	1	1	1	0
14-3	Muia	Mujo	Muge	" "	355(1)	800(6)	1	1	1	1
14-4	Moinhos de g.º	?	?	Almeirim	—	—	1	0	—	—
14-5	Pacos daserra	Paços da serra	Paços Negros (Raposa)	"	—	—	1	1	—	—
14-6	Almeirim	Almeirim	Almeirim	"	408(1)	1200(2)	1	1	1	1
14-7	Coruche	Coruche	Coruche	Coruche	844(1)	1000(2)	1	1	1	1
14-8	A era	A Erra	Erra	"	208(1)	—	1	1	1	0
14-9	Chouto	Ocouto	Chouto	Chamusca	252(1)	—	1	1	1	0
14-10	V.º de rei	V.º de Rey	Vila de Rei (Vale de Cavalos)	"	96(1)	—	1	1	1	0
14-11	Vime	Vime	Ulme	"	556(1)	—	1	1	1	0
14-12	Chamusca	Chamusca	Chamusca	"	624(1)	—	1	1	1	0
14-13	Pinheiro	O Pinheiro	Pinheiro Grande	"	108(1)	—	1	1	1	0
14-75		Rebolo	Rebocho (Foros do)	Coruche	—	—	0	1	—	—
14-76		Os couços	Couço	"	—	—	0	1	—	—
14-77		Val de lama	Vale de Lama	Abrantes	—	—	0	1	—	—
14-85		Casavel	Cascavel?	Coruche	—	—	0	1	—	—
14-86		Val de Negros	Vale de Negro?	Chamusca	—	—	0	1	—	—
14-89		Damuco	?	Salv. Magos	—	—	0	1	—	—
14-90		S. Sebastian	?	Almeirim	—	—	0	1	—	—
15-26	Pancas	Pancas	Pancas (Samora Correia)	Benavente	—	—	1	1	—	—
15-27	Paul de Chacotea	Paul da Chacotea	?	"	—	—	1	1	—	—
15-35	As mestas		Porto das Mestras (S. Torcato)	Coruche	—	—	1	0	—	—
15-36	As lauias		Paul das Lavouras (Samora Correia)	Benavente	—	—	1	0	—	—
15-37	Porto dalenen (Porto dalené)		?	"	—	—	1	0	—	—
15-38	Benaúte	Benavente	Benavente	"	780(1)	1600(6)	1	1	1	1
15-39	Camora Correa	Camora Correa	Samora Correia	"	240(1)	600(8)	1	1	1	1
15-83		Morfeira	Murfeira (Samora Correa)	"	—	—	0	1	—	—
15-88		Belmonte	Belmonte	"	—	—	0	1	—	—
15-94		Porto da Corua	?	"	—	—	0	1	—	—
15-95		Celceira	?	"	—	—	0	1	—	—